



Seu País

País sem espelho

DEGRADAÇÃO O jornal francês *Libération* expõe o desastre do neoliberalismo no Brasil, tema ignorado pela mídia nativa

POR JOSÉ ANTONIO LIMA

Enquanto os sindicatos se mobilizam para tentar mitigar os efeitos nocivos da reforma trabalhista sancionada por Michel Temer, a mídia nativa, ela própria firme apoiadora da desfiguração da Consolidação das Leis do Trabalho, ocupa-se em propagar outro tipo de lamento. O dos empresários, inclusive dos Estados Unidos, que desejavam alterações ainda mais drásticas. Na terça-feira 3, a *Folha de S. Paulo* deu destaque a um debate ocorrido em Nova York. Os investidores norte-americanos diziam-se “desanimados” e “frustrados” com o pacote. Desejavam terceirizar mão de obra sem qualquer obstáculo, inclusive demitir funcionários e recontratá-los imediatamente, pagando menos e sem o risco de sofrer processos trabalhistas. “Então, quer dizer que ainda não vamos poder reduzir salários? Isso é a coisa mais anticapitalista que existe”, reclamou Terry Boyland, da CPQI, empresa que presta serviços de tecnologia a bancos na América Latina.

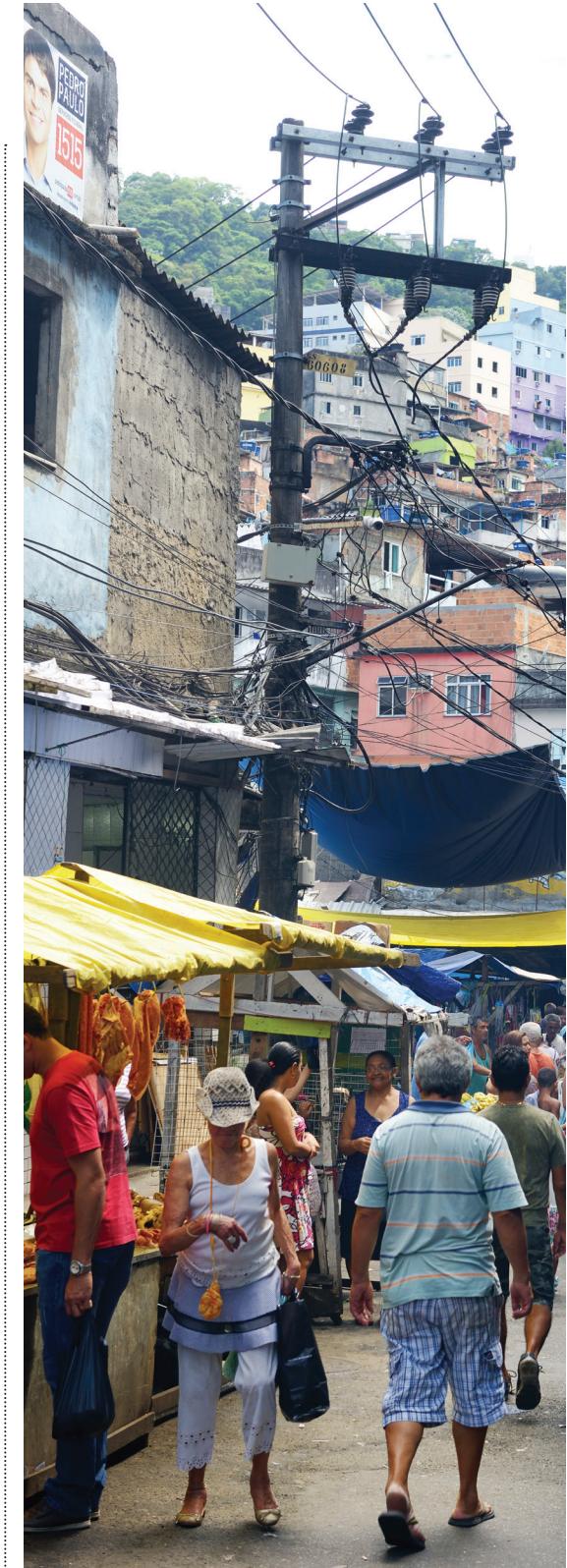
O modelo desejado, ao que parece, é o dos Estados Unidos, único país do mundo desenvolvido que não garante licença-maternidade remunerada. Outra opção no cardápio dessa turma poderia ser, como disse o ex-presidente Lula em recente comício no Rio de Janeiro, voltar

“ao tempo da escravidão”. Para alguns empresários, emendou o líder petista, o trabalhador “ter uma hora de almoço é muito, ter férias é muito”.

Enquanto a mídia brasileira reproduz acriticamente o queixume dos ricaços, os efeitos deletérios da agenda neoliberal começam, finalmente, a ser denunciados na imprensa europeia. No fim de setembro, o jornal francês *Libération* destacou que o “Brasil neoliberal vegeta no marasmo social”. Assinada por Chantal Rayes, correspondente do diário em São Paulo, a reportagem resume as desventuras da política econômica nos últimos anos e destaca questões essenciais que o debate brasileiro ignora.

Para o *Libération*, o desastre começou com a artificial redução de tarifas de serviços públicos e os bilionários

A austeridade contribuiu para o agravamento da crise, observa a reportagem





Tormenta. A crise mostra sua face mais cruel no Rio de Janeiro, onde apenas a pobreza e a violência parecem prosperar

subsídios à indústria concedidos por Dilma Rousseff, o que desestabilizou setores inteiros da economia. A ex-presidente tentou corrigir os rumos, apostando nos cortes de gastos públicos. “Essa cura de austeridade, aprofundada por Michel Temer, vice-presidente de Dilma que a substituiu em maio de 2016, agravou a crise. A corrupção fez o resto. Ao atacar os cartéis que fraudavam os contratos do setor público, a hoje famosa Operação Lava Jato paralisou o dinâmico setor de construção.”

Com o impeachment, o País ficou à mercê da agenda neoliberal da equipe econômica de Temer, uma “terapia de choque” a envolver o congelamento de gastos públicos por 20 anos e cortes no Bolsa Família, “uma política de baixo custo e reconhecida eficácia”, elogiada pelo Banco Mundial e recomendada até pelo Fundo Monetário Internacional, destaca o jornal francês. O receituário inclui também as privatizações, lembra a reportagem. Além da Eletrobras, a ser rifada ainda em 2017, está na mira a Petrobras, como sempre, por sinal. Depois de escapar de virar Petrobrax nas mãos de Fernando Henrique Cardoso, a estatal petrolífera pode ser privatizada no futuro, anseia o governo. “Eu acho que isso vai acontecer. É um caminho”, sinalizou o ministro de Minas e Energia de Temer, Fernando Coelho Filho, durante o programa *Roda Viva*, da TV Cultura, na segunda-feira 2. No dia seguinte, o ministro desmentiu a própria fala. A dúvida permanece.

Neste cenário, destaca o *Libération*, o salário assumiu o papel de variável de ajuste. Na era Lula, a valorização do mínimo e a vigência da CLT “não dificultaram a manutenção da oferta de emprego”. Como em todo regime neoliberal, o resultado é a penalização dos mais pobres. O diário francês lembra que os níveis de pobreza e desigualdade têm crescido, enquanto o desemprego segue em nível alto. O Brasil corre o risco de ter milhões de “novos pobres” e retornar ao mapa da fome da ONU, do qual tinha saído em 2014. “Em São Paulo, capital econômica do País, essa degradação é palpável. A população de rua parece ter dobrado. No Rio de Janeiro, segunda cidade brasileira, ela triplicou”, diz o texto.

A correspondente Chantal Rayes observa que o estado do Rio, abalado com o recuo do preço do petróleo, “vive uma crise ainda mais grave”, com cortes de orçamento de segurança pública e aumento da violência. Um número tornado público na quarta-feira 4 ilustra tal conjuntura: segundo a própria Secretaria de Segurança do Rio de Janeiro, a polícia fluminense matou 712 pessoas entre janeiro e agosto. É o maior número para o período desde 2010.

A situação pela qual passa o País é personificada, na reportagem do *Libération*, por Vera, uma ex-gerente de supermercado de 58 anos que, desempregada, passou a trabalhar como faxineira e recorreu ao Bolsa Família. Idenalva, faxineira desempregada também ouvida pelo jornal francês, conclui a reportagem com remates finais óbvios que não constam na realidade, ou no simulacro dela, exibida pela mídia nativa. Diz ter saudade de Lula, cuja popularidade só cresce nas sondagens eleitorais. Questionada sobre Temer e seus acólitos, ela não tem dúvida: “Nunca um governo tomou tanto de quem não tem nada”. •

FRÉDÉRIC SOLTAN/CORBIS/GETTY IMAGES